

# EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM ENTRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO

Colaboradores:

Auricélia da Silva Domingos

Antonia Fabiana da Silva Reis

Anaelza Nogueira Marculino Oliveira

Adriano de Sousa

John Lennon Oliveira da Silva

João Nogueira da Silva

Jaciele Batista da Silva

Veralúcia Félix Nogueira



**EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM  
ENTRE O PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO**

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - Ufopa (Editor-Chefe)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danjone Regina Meira - USP  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Roberta Seixas - Unesp  
Prof. Ms. Gleydson da Paixão Tavares - UESC  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Monica Aparecida Bortolotti - Unicentro  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabele Barbieri dos Santos - FIOCRUZ  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Reusing - IFPR  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Laize Almeida de Oliveira - UNIFESSPA  
Prof. Ms. John Weyne Maia Vasconcelos - UFC  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Pinto de Aragão Quintino - SEDUC-AM  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leticia Nardoni Marteli - IFRN  
Prof. Ms. Flávio Roberto Chaddad - SEESP  
Prof. Ms. Fábio Nascimento da Silva - SEE/AC  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Sandolene do Socorro Ramos Pinto - UFPA  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Klenicy Kazumy de Lima Yamaguchi - UFAM  
Prof. Dr. Jose Carlos Guimaraes Junior - Governo do Distrito Federal  
Prof. Ms. Marcio Silveira Nascimento - UFRR  
Prof. Ms. João Filipe Simão Kembo - Escola Superior Pedagógica do Bengo - Angola  
Prof. Ms. Divo Augusto Pereira Alexandre Cavadas - FADISP  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Roberta de Souza Gomes - NESPEFE - UFRJ  
Prof. Ms. Valdimiro da Rocha Neto - UNIFESSPA  
Prof. Dr. Jeferson Stiver Oliveira de Castro - IFPA  
Prof. Ms. Artur Pires de Camargos Júnior - UNIVÁS  
Prof. Ms. Edson Vieira da Silva de Camargos - Universidad de la Empresa (UDE) - Uruguai  
Prof. Ms. Jacson Baldoino Silva - UEFS  
Prof. Ms. Paulo Osni Silvério - UFSCar  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Cecília Souza de Jesus - Instituto Federal de São Paulo

*“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.*

Equipe Home Editora

Auricélia da Silva Domingos  
Antonia Fabiana da Silva Reis  
Anaelza Nogueira Marculino Oliveira  
Adriano de Sousa  
John Lennon Oliveira da Silva  
João Nogueira da Silva  
Jaciele Batista da Silva  
Veralúcia Félix Nogueira

# **EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM ENTRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO**

1ª Edição

Belém-PA  
Home Editora  
2024

© 2024 Edição brasileira  
*by* Home Editora

© 2024 Texto  
*by* Autor

Todos os direitos reservados

Home Editora  
CNPJ: 39.242.488/0002-80  
www.homeeditora.com  
contato@homeeditora.com  
91988165332

Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Ba-  
tista Campos, Belém - PA, 66045-  
315

**Editor-Chefe**

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

**Projeto gráfico**

homeeditora.com

**Revisão, diagramação e capa**

Autores

**Bibliotecária**

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

CRB-8/009166

**Produtor editorial**

Laiane Borges

**Catálogo na publicação**

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

E24

Educação: uma abordagem entre o processo de aprendizagem e a inclusão /  
Auricélia da Silva Domingos *et al.* – Belém: Home, 2024.

Outros autores:

Antonia Fabiana da Silva Reis  
Anaelza Nogueira Marculino Oliveira  
Adriano de Sousa  
John Lennon Oliveira da Silva  
João Nogueira da Silva  
Jaciele Batista da Silva  
Veralúcia Félix Nogueira.

Livro em PDF

60p

ISBN 978-65-6089-081-7

DOI 10.46898/home.fb57befa-428e-4e8b-874b-02561d541d83

1. Educação e inclusão. I. Domingos, Auricélia da Silva *et al.* II. Título.

CDD 371.94693

Índice para catálogo sistemático

I. Educação

## **SUMÁRIO**

### **Capítulo I**

ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS .....Pág 10

### **Capítulo II**

INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DE ATIVIDADES AQUÁTICAS NA INTERAÇÃO SOCIAL DE ALUNOS COM AUTISMO.....Pág 38

REFERÊNCIAS.....pág 56

ANEXOS.....pág 58

## APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

É com grande prazer que apresento a você este livro sobre aprendizagem e inclusão. Desde tempos imemoriais, a busca pelo conhecimento tem sido uma jornada fundamental na vida humana. Ao longo dos séculos, os métodos de aprendizagem evoluíram e se diversificaram, mas a essência da busca pelo saber permanece inalterada.

Neste livro, exploraremos não apenas a importância da aprendizagem contínua em nossa jornada pessoal e profissional, mas também examinaremos de perto o papel crucial que a leitura desempenha nesse processo. A leitura, como uma das habilidades mais fundamentais do ser humano, é a porta de entrada para um mundo vasto de conhecimento, ideias e perspectivas.

Ao longo das páginas deste livro, você encontrará insights valiosos sobre como aperfeiçoar sua capacidade de aprender e absorver informações de maneira eficaz. Discutiremos técnicas comprovadas para melhorar a retenção de informações, aumentar a concentração e desenvolver habilidades de pensamento crítico.

Neste livro, mergulhamos em um território muitas vezes negligenciado, explorando o papel transformador que o esporte pode desempenhar na vida de pessoas no espectro autista. Ao destacar histórias reais de atletas autistas e suas jornadas no mundo esportivo, buscamos não apenas inspirar, mas também educar e promover uma maior compreensão sobre o autismo e suas complexidades.

Através de relatos emocionantes e análises profundas, examinamos como o esporte pode oferecer um espaço de inclusão, aceitação e oportunidade para indivíduos autistas. Descobrimos como treinadores, pais, e a comunidade esportiva em geral podem desempenhar um papel vital no apoio e no desenvolvimento desses atletas extraordinários.

Seja você um atleta, treinador, pai, profissional da saúde ou simplesmente alguém interessado em aprender mais sobre o autismo e o esporte, espero que este livro o motive e o capacite a fazer a diferença em suas próprias comunidades e além.

Que as histórias compartilhadas nestas páginas sirvam como uma fonte de inspiração e um lembrete do incrível potencial que todos nós temos quando nos unimos em prol da inclusão e da igualdade.

Que este livro seja uma fonte de inspiração e um guia confiável em sua busca contínua pelo saber.

Com os melhores votos,

João Nogueira da Silva

Jaciele Batista da Silva

# CAPÍTULO I

## ESTRATÉGIAS DE LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS

Auricélia da Silva Domingos

Anaelza Nogueira Marculino Oliveira

Adriano de Sousa

Veralúcia Félix Nogueira

### RESUMO

Estratégias de leitura e escrita podem ser entendidas como procedimentos eficazes que possibilita ao educando o avanço no processo de ensino-aprendizagem. Um componente essencial das estratégias é o fato de que envolve direcionamentos, objetivos e a consciência de que esses objetivos existem e precisam ser alcançados. Nos dias atuais, muito se tem observado que diversos profissionais da área de educação mantêm o ensino tradicional, levando ao discente uma aprendizagem mecânica aplicando uma leitura desmotivada e insignificativa, escrita de palavras e frases isoladas com a função de trabalhar apenas regras gramaticais. Nesse caso, a aprendizagem é transmitida sem planejamento, objetivos e principalmente não atende as peculiaridades da criança, mas o ensino é reduzido mesmo nas séries iniciais a uma simples cópia e só o professor tem vez e voz. Ensinar o aluno a expressar o oral, a leitura e a escrita não é uma questão simples, principalmente quando o educando encontra-se nas séries iniciais. O propósito aqui frisado é mostrar ao professor procedimentos que podem despertar no estudante o prazer de descobrir o mundo fantástico da leitura e escrita. Nosso desejo principal é promover estratégias que permitam ao aluno realizar inferências, criticar e compreender de forma autônoma os diversos gêneros textuais que circulam no mundo. Enfatizando sempre que a leitura deve ser trabalhada com prazer, roda de leitura, passa do paradidático sobre a história do dia, leitura individual e coletiva, palquinho do leitor, escolha pela criança do paradidático que almeja conhecer, onde o professor realizar a leitura convencional. Dia a relevância de por em prática essas atividades, pois a leitura deve acontecer de maneira significativa. O trabalho com a escrita torna-se interessante e positivo, quando o aluno produz seus sentimentos, sua escrita é valorizada, na verdade a leitura e a escrita estão interligadas e devem acontecer de forma que haja um encontro entre o sujeito e o objetivo. É fundamental que as crianças sejam usuários da leitura, escrita nas suas múltiplas funções sociais mesmo que ainda não estejam alfabetizados. Enfim, é relevante alimentar a imaginação do educando compartilhar leituras, oferecer-lhes experiências, para que descubram os encantos vivenciados em cada momento de leitura e escrita como um meio de conhecer melhor a si mesmo, ao mundo e ao que estão em sua volta, na busca de formar cidadãos participativos, sensíveis, críticas e criativas em cada desafio que surgir no meio social do que a criança está inserida.

Palavras-chave: Compartilhar. Competência. Planejar. Prazer crítico.

## ABSTRACT

Reading and writing strategies can be understood as effective procedures that enable students to advance in the teaching-learning process. An essential component of strategies is the fact that they involve directions, objectives and the awareness that these objectives exist and need to be achieved. Nowadays, it has been observed that several professionals in the field of education maintain traditional teaching, providing the student with mechanical learning by applying unmotivated and insignificant reading, writing isolated words and phrases with the function of working only on grammatical rules. In this case, learning is transmitted without planning, objectives and mainly does not meet the child's peculiarities, but teaching is reduced even in the initial grades to a simple copy and only the teacher has time and voice. Teaching students to speak, read and write is not a simple matter, especially when the student is in the initial grades. The purpose highlighted here is to show the teacher procedures that can awaken in the student the pleasure of discovering the fantastic world of reading and writing. Our main desire is to promote strategies that allow students to make inferences, criticize and autonomously understand the different textual genres that circulate in the world. Always emphasizing that reading must be enjoyed with pleasure, reading circle, goes from paradidactic about the story of the day, individual and collective reading, reader's platform, choice by the child of the paradidactic that they want to know, where the teacher carries out the conventional reading. Understand the importance of putting these activities into practice, as reading must happen in a meaningful way. Working with writing becomes interesting and positive, when the student produces their feelings, their writing is valued, in fact reading and writing are interconnected and must happen in such a way that there is a meeting between the subject and the objective. It is essential that children are users of reading, writing in its multiple social functions, even if they are not yet literate. Finally, it is important to feed the student's imagination by sharing readings, offering them experiences, so that they discover the charms experienced in each moment of reading and writing as a means of better knowing themselves, the world and what is around them, in the search to form participatory, sensitive, critical and creative citizens in each challenge that arises in the social environment in which the child is inserted.

Keywords: Share. Competence. To plan. Critical pleasure.

## 1. INTRODUÇÃO

O Presente Estudo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica que abrangeu os principais aspectos relacionados com o processo de aquisição de leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, principalmente no que diz respeito às estratégias que podem ser empregadas pelo educador na promoção desses dois fatores cruciais para a aprendizagem.

O interesse em abordarmos este assunto, surgiu da necessidade em ampliarmos nossos conhecimentos e de fornecermos, aos interessados em aprofundar suas pesquisas sobre esta temática, uma análise reflexiva sobre os processos que envolvem o aprendizado da leitura e da escrita nas séries iniciais.

Sem dúvida, é papel da escola aplicar estratégias de leitura e escrita na sala de aula, pois são competências construídas tendo como principal objetivo a aprendizagem da criança. Na realidade, constatamos que muitos profissionais ainda trabalham de forma mecânica. Às vezes o aluno escreve de maneira improvisada, sem planejamento e revisão.

É sabido que vários indivíduos, sobretudo crianças das séries iniciais, apresentam dificuldades de adquirir tais competências. Nesse sentido, a escola precisa rever sua prática para garantir ao educando um ensino significativo e prazeroso. Percebemos que a escola é o ambiente apto a tentar buscar estratégias para lidar com as dificuldades de aprendizagem dos educandos. As crianças das séries iniciais devem se sentir motivadas e seguras do que aprende nessa fase da vida, já que a partir da aquisição da leitura e escrita elas constroem.

Em sala de aula, os professores, tem a árdua missão de transmitir um ensino de qualidade, dinamismo e procurando aplicar diversos objetivos para atender a realidade de cada criança, desenvolvendo nos discentes o hábito de interpretar e compreender os desafios que o meio social proporciona.

Se analisar a leitura e escrita reproduzida nos momentos de exercícios, elas não desperta no aluno o prazer de aprender espontaneamente para tornar-se um cidadão crítico. Ninguém pode extrair informações da criança, decodificando letras, palavras ou frases isoladas, por isso o ensino precisa ser contextualizado.

E imprescindível ressaltar a importância de todos que compõem a escola estarem envolvidos e aptos na educação das crianças tais como diretor, coordenador, professor e a família, proporcionando diálogo coletivo, compartilhar saberes, trabalhar em equipes, a escola se faz com interação, vivenciando os conhecimentos prévios de cada um, expondo as dificuldades apresentadas, mas também mostrando meios eficazes para a criança atingir a aprendizagem e principalmente acreditando no potencial dos nossos alunos.

As estratégias de leitura só serão aplicadas produtivamente, quando o professor abrir caminho da criança criar, recriar, expressar seus sentimentos a

partir de atividades desafiadoras do dia-a-dia, pois ao longo da vida a criança vai adquirindo experiências e construindo a sua própria autonomia. Para que essa metamorfose aconteça é fundamental um referencial norteador, a família, o professor e a escola.

É observável que muitos pais ainda acreditam que o ensino tradicional é de qualidade, desmerecendo o trabalho de leitura e escrita diversificado, na visão dos pais o ensino contextualizado deixa a desejar, concepção totalmente alienada. Nota-se que não é papel apenas do professor desempenhar um ensino para atingir objetivos, mas a responsabilidade deve articular para todos que convivem com a criança.

Não é tarefa única de a escola tomar o aluno um ser ativo e transformando para viver em sociedade, porém a escola tem a função indispensável quando se trata de garantir ao aluno um bom ensino que os conduza a serem pessoas formadoras de opiniões. A escola precisa vencer as dificuldades de leitura e escrita já nas séries iniciais, mostrando-se dedicada, dinâmica e utilizar estratégias funcionais.

A nossa pesquisa é bibliográfica, apontando críticas, e está embasada em grandes autores na área da educação como Antunes (2003), Baldi (2009), Solé (1998), Parreiras (2009), dentre outros, cujos trabalhos nos ajudaram na reflexão sobre as temáticas abordadas neste estudo. O trabalho consta de três partes, os quais se complementam entre si e compõe o desenvolvimento teórico deste estudo na primeira parte foi focalizado estratégias do aluno aprender a ler e escrever com empatia, trazendo pressupostos sobre como explorar a leitura, destacando como o professor tem trabalhado e como é preciso trabalhar, frisando sua importância, expondo estratégias de ler para a criança desde cedo navegar com gosto no mundo fantástico da leitura.

Na segunda parte foi abordado como explorar a escrita, indicando que não é interessante avaliar no aluno apenas ortografia, pontuação, entretanto a escrita deve acontecer com interação, diálogo, uma escrita envolvente em que de total evidência aos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Na terceira parte foi abordada a relação leitura e escrita que ambas dependem uma da outra. Neste capítulo mostramos que a oralidade, a leitura e a escrita devem ser trabalhadas articulando vários gêneros textuais, na verdade esse tipo de estratégia serve de subsídio para que a criança desenvolva o ato de se comunicar, ler com fluência para um grupo e escrever dando ênfase a seus dizeres, ou seja, ser o próprio autor da sua obra. Por fim, concluídos os referidos Capítulos, apresentaremos nossas considerações finais, apontando críticas e soluções sobre o tema abordado.

### **1.1. O TRABALHO COM A LEITURA**

Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler. Segundo Solé (1998), todos os dados apontam, portanto que é da escola enfatizar a literatura de maneira que leve o discente a deleitar-se nela, ou seja, proporcionar uma leitura significativa.

O que podemos observar é que alguns professores não se importam com a leitura, pois acham que irá atrapalhar o desenvolvimento de suas aulas, ou seja, se for exercitar a leitura, ler livros em sala de aula não irá dar tempo para a gramática, porque a gramática é que deve ser privilegiada. Visão esta equivocada, pois é necessário articular o ato de ler, ou seja, desenvolver a leitura em toda parte para que o aluno adquira o gosto pela leitura.

Infelizmente a leitura em sala de aula é, quase sempre, metalinguística e não prepara o indivíduo para o mundo exterior. Isso causa um distanciamento do leitor com o texto, ou melhor, com a compreensão profunda do que o autor gostaria de repassar, pois ler é muito mais do que decodificar palavras, ler é compreender e raciocinar as ideias que o texto nos traz, seja ela qual for.

Como diz a Almeida (1997, p. 16, apud ANTUNES, 2003, p. 13):

Enquanto o professor de português fica analisando se o sujeito é determinado ou indeterminado, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, sujeitos inexistentes.

De acordo com a concepção da autora, analisamos, portanto que uma escola sem tempo para a leitura tende a prejudicar que o aluno desenvolva suas competências conduzindo-os ao fracasso.

Para que o educando sinta empatia pelo trabalho com a leitura é necessário que a escola tenha um ambiente alfabetizador, ou seja, uma sala de aula em que a leitura encontra-se em toda parte. Um meio positivo de conduzir a leitura às crianças é organizar na sala de aula o cantinho da leitura, levando o aluno a manusear os diversos paradidáticos expostos no curtindo a leitura.

O trabalho envolvendo projetos de leitura é uma tarefa que ajuda a acriança a adquirir de forma espontânea o ato de ler. Na verdade para que um projeto de leitura venha a ter sucesso, é preciso a interação de todos os profissionais envolvidos na educação da escola, professor, diretor, coordenador e até mesmo os pais das crianças. A principio planejar o tema do projeto, objetivos, justificativas, cronograma, culminância e avaliação.

Em seguida convidar os pais das crianças para esclarecer acerca das importâncias de desenvolver tal projeto, enfim, executá-lo com entusiasmo. A escola pode desenvolver um projeto sobre o conto de fadas, através de dramatização da história vivenciada, reconto do conto na cadeira de leitura pela criança, produção textual e em um determinado dia apresentar o trabalho realizado para as demais crianças da escola. O professor apresenta uma ficha de leitura e o aluno preenche o título do livro, autor, editora, ilustrador e apresenta o livro lido.

Vale salientar que o projeto só poderá dar certo se os profissionais na escola souberem desenvolvê-lo de maneira qualificada, pois o professor necessita de apoio para que o ensino flua de forma que atenda as aptidões do aluno. Por isso o ensino só dará certo quando em uma escola tiver profissionais que tenha conhecimentos de dar apoio ao professor e todos, se envolver por uma educação que venha a estabelecer estratégias eficazes para o avanço dos alunos.

## **1.2. A FORMAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA**

A leitura significativa (SMITH, 1999, p 01, apud ANTUNES, 2003, p. 12) supõe que o leitor relacione o que lê com o que já leu para poder encontrar e gerar significado. Na concepção do autor a aprendizagem da leitura, é fundamental a partir do aluno, não de métodos prévios, nem currículos rígidos, muito menos de receitas prontas.

É relevante frisar que o aluno sente-se desestimulado pela leitura, devido a formação de muitos professores que não gostam de lê possui uma cultura alienada e aliena portanto o aluno. Isso acontece também porque a maioria das crianças são filhos de pessoas analfabetas ou semianalfabetas, pois no meio social no qual está inserido não tem acesso a livros e se tem não são incentivados.

É aconselhável a criança ao ingressar na escola deparar com professores que vivencie a leitura constantemente, pois muito se fala em estimular a leitura das crianças e esquecemos que vários professores não gostam de ler. O que dificulta ao transmitir a leitura em sala de aula. Para a criança sentir empatia pela leitura, inicialmente cabe ao professor antes de ler qualquer coisa para o aluno ter conhecimento, pois explorar os conhecimentos prévios da criança antes de ler para ela é uma tarefa fundamental.

Percebemos, portanto, que o professor ao ler uma história precisa navegar naquele momento ler com entonação de voz, com prazer e não e uma leitura desestimulada, fazendo com que o aluno percebe que o professor gosta de ler.

Muitos alunos não leem porque são instruídos para realizar a leitura prazerosa. Lajolo (2005, apud ANTUNES, 2003) diz que um professor mal formado forma mal o aluno. Se ele não aprendeu ler, não fará os alunos a aprender a ler. Colaborando com o autor supracitado, o sistema se satisfaz com essa deficiência que as crianças têm no sentido de leitura, pois cidadãos alienados mantêm a população como massa da nobreza.

Vivemos em uma sociedade altamente letrada, onde o domínio da leitura é uma atividade de vital importância para o sucesso na vida de qualquer pessoa. O bom domínio da leitura nos permite realizar com desenvoltura as atividades que colaboraram para o nosso crescimento pessoal e intelectual e

ainda capacita-nos a agir de forma ativa e crítica na sociedade em que vivemos.

Tem-se observado em muitos estabelecimentos de ensino que os alunos apresentam dificuldades em ler reconhecer e interpretar textos em língua portuguesa pela forma como a leitura é processada na escola, desconsiderando-se muitas vezes os gêneros textuais que os alunos de fato têm contato no seu cotidiano.

E relevante o trabalho com os diversos gêneros textuais, mas percebemos que muitos professores ainda não têm o conhecimento acerca de gêneros textuais trabalhando, portanto de forma descontextualizada. Outros dispõem do conhecimento, porém está adaptado em trabalhar apenas a gramática levando o aluno a ser um leitor passivo.

A este respeito Antunes (2003, p. 42) afirma que, “ingenuamente, a gramática foi posta num pedestal e se atribuiu a ela um papel quase de onipotência frente aquilo que precisamos para enfrentar os desafios de uma interação eficaz. E daí vieram as distorções: a fixação do estudo da gramática, como se ela bastasse, como se nada mais fosse necessário para ser eficaz nas atividades de linguagem oral.”

Acrescentamos ainda que muitos profissionais gostariam de transformar sua metodologia e qualificar o ensino dando ênfase a leitura, porém o sistema escolar e os próprios pais tem a visão que o aluno só aprende se o ensino estiver focado apenas na gramática, contribuindo para aumentar o déficit de leitura que os pais enfrentam.

Segundo Solé (1998) poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Acreditamos que nas séries iniciais do ensino fundamental deve-se dar uma atenção especial ao ensino de leitura, na realidade é papel da escola fazer com que a criança aprenda a ler, despertando constantemente o prazer pela

leitura. Infelizmente a leitura nas séries iniciais é feita de forma precária, é dada muito mais importância ao ensino lexical em detrimento ao ensino do sentido das palavras nos testes.

A função de cada um de nós, professores independentemente da área curricular, é promover a leitura de textos que devam ser aprofundados para que todos vivenciem o encantamento da descoberta de sentidos trazidos pela leitura, dialogando com a realidade e formando para a cidadania.

O que Souza (2002. apud ANTUNES, 2003) nos propõe é que para o processo de aquisição e valorização da leitura aconteça de forma positiva, é fundamental que todos os professores de diversas áreas do conhecimento estejam engajados nessa busca pelo desenvolvimento da capacidade leitura de nossos alunos.

### **1.3. OS OBJETIVOS DA LEITURA**

Solé (1998) ressalta que esses objetivos devem ser considerados nas situações de ensino. Ler para obter uma informação precisa. É a leitura que realizamos pretendemos localizar algum dado que nos interessa. De acordo com a autora supracitada (SOLÉ, 1998), o ensino da leitura para obter uma informação precisa requer o ensino de algumas estratégias sem as quais este objetivo não será atingido nos exemplos mencionados, é preciso conhecer a ordem alfabética e saber que as listas telefônicas, os dicionários e as enciclopédias (embora nem todas) estão organizados conforme essa ordem.

A referida autora (SOLÉ, 1998) acrescenta ainda que os textos a serem consultados para obter informações precisas podem ser muito variados. Para sermos bons leitores é fundamental estabelecermos objetivos, isto é, a compreensão do texto. Percebemos que cada texto é lido de formas diferenciadas, por isso são elencadas várias estratégias que se adequem a cada caso.

Na realidade cabe ao educando conhecer os múltiplos objetivos para aplicá-los de acordo com a necessidade da criança, principalmente as que estão nas séries iniciais. O ensino só será envolvente e próspero quando o professor por em prática a teoria.

## **2. Ler para Seguir Instruções**

A leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta, as orientações para participar de uma oficina de experiências, etc. Podemos constatar que as informações que a autora nos dá são de extrema relevância, pois o manuseio com textos institucionais é um material de fácil acesso das crianças e que pode ser uma leitura rica em informações. A leitura de instruções, regras, dentre outros é uma tarefa rica no desenvolvimento cognitivo da criança, pois garante a compreensão do que se leu.

O professor pode realizar esse tipo de leitura, apresentando ao aluno, por exemplo, uma receita de bolo, onde coletivamente será lida as instruções, seja ela com o apoio de cartaz ou slide, em seguida os alunos podem fazer o bolo seguindo as instruções lidas. Neste caso a tarefa de leitura é completamente e funcional.

Uma tarefa que o professor pode propor às crianças, é levar um jogo educativo e ao mostrá-lo incentivar as crianças a fazer a leitura instrucional, entendê-la para poder participar da brincadeira em grupo. Entretanto, como vimos, essa leitura é útil, mas absolutamente diferente da leitura de informações, pois aqui o leitor precisa ler o todo com o objetivo de saber como fazer.

### **2.2 Ler para Obter uma Informação Precisa**

Na realidade os textos utilizados para adquirir uma informação precisa devem ser variados. Um meio eficaz de trabalhar esse tipo de leitura e verificando a ordem alfabética. As crianças principalmente nas séries iniciais tem sede de construir lista de animais, brinquedos, entre outros, levando o professor a sempre questionar com as crianças que o dicionário e agendas telefônicas estão em ordem alfabética. Podemos constatar que neste caso, o processo de leitura acontece partindo da ideia central.

### **2.3 Ler para Obter uma Informação de Caráter Geral**

Esta é a leitura que fazemos quando queremos saber de que se trata um texto, saber o que acontece ver se interessa continuar lendo... Quando lemos para obter uma informação geral, não somos pressionados por uma busca concreta, nem precisamos saber detalhadamente o que diz o texto, é suficiente ter uma impressão, com as ideias mais gerais. Este tipo de leitura deve ter lugar no ambiente escolar, pois propicia ao aluno fazer uso de sua criatividade. Condicionar a criança a ler jomais, manchetes, obras, enciclopédias, livros de ficção, selecionar as partes que mais chamou atenção.

Uma estratégia produtiva do professor é colocar esse tipo de leitura em prática, é levando o aluno a manusear vários acervos, ou seja, expor numa roda de leitura diversos livros paradidáticos, jornais, revistas e deixar que a criança espontaneamente selecione o que pretende ler e destaque a informação interessante Assim, o aluno toma-se um leitor crítico, sabendo, portanto realizar inferências sobre o texto e opor-se a ele..

Neste caso, essa leitura deve ser imprescindível na escola, pois garante ao educando obter uma informação geral, compreender e principalmente destacar a parte do texto que tem significado para o leitor ativo.

#### **2.4. Ler para Aprender**

Quando lemos para aprender, as estratégias responsáveis por uma leitura eficaz e controlada atualizam-se de forma integrada e consciente, permitindo a elaboração de significados que caracterizam a aprendizagem. Faz-se necessário elencar que esse tipo de leitura é positiva se a criança buscar a leitura como fonte concreta de aprendizagem. Na realidade quanto mais praticamos a leitura lemos melhor e desenvolvemos cognitivamente, pois a leitura provém de outros dizeres que podem estar interligados.

Quando a criança lê, ela entra em sintonia com diversos textos e aprofunda seus conhecimentos. Essa prática de leitura facilita para o aluno criar anotações, opinar acerca de algo, realizar inferências sobre o que lê, elaborar resumos. Neste sentido os conhecimentos prévios são de grande ajuda.

#### **2.5. Ler para Revisar um Escrito Próprio**

Segundo Solé (1998), quando se lê o que escreveu, o autor/revisor revisa a adequação do texto que elaborou para transmitir o significado que o levou a escrevê-lo, neste caso, a leitura adota um papel de controle, de regulação que também pode adotar quando se revisa um texto alheio, mas não é a mesma coisa.

## **2.6. Ler por Prazer**

Neste sentido Solé (1998) refere-se à leitura como sendo algo pessoal, que só pode estar sujeita a si mesmo. Adoçando as palavras desta teórica, a criança só gosta de ler àquilo que lhe chama atenção, por isso a leitura pode ser de livre opção Nesta proposta o que precisa estar claro é o que o locutor escreve para que a mensagem chegue de forma compreensiva para o interlocutor.

É uma leitura crítica útil que nos ajuda a escrever melhor possibilitando ao outro o entendimento, por isso é fundamental na escola a criança ao produzir seu texto, revisá-lo, proporcionando a quem escreve uma leitura e escrita com mais qualidade. O professor pode pedir ao aluno que produza um texto e leia para ele, em seguida expor o texto no quadro e realizar revisões, contribuindo, portanto, para que o discente perceba espontaneamente suas falhas e tente transformá-las.

Uma leitura torna-se prazerosa quando o professor ler uma história navegando-o nela, ou seja, com entusiasmo. Levando a criança a vivenciar determinada situação. Além de ler aquilo que atende as expectativas do aluno. Trabalhar com um sarau literário pode ser uma tarefa que incentive o aluno a sentir gosto pela leitura. Apresentemos a história, por exemplo, de chapeuzinho vermelho inicialmente através de uma dramatização, em seguida, explorar a capa do livro mostrando o título do paradidático, autor, ilustrador, editora e prosseguiremos lendo a historinha como se estivesse vivenciando o momento.

Lembremos que é de grande relevância a criança realizar o reconto da história lida. Nas séries iniciais antes do professor ler para a criança deve haver uma conversa para o aluno expor seus conhecimentos prévios. Cabe ao aluno realizar a leitura da história, mesmo que ainda não leiam

convencionalmente, mas o professor faz as ilustrações da história de maneira que cause interesse no aluno e o mesmo desenvolve a leitura de imagens. Esse tipo de atividade incentiva o aluno a se sentir útil perante os colegas.

O professor precisa ter um olhar mais atento principalmente no caso da 1ª série, etapa em que muitas crianças, ainda estão lendo alfabeticamente para despertar o interesse da criança, nesta fase propomos que o professor trabalhe em duplas ou em grupo de acordo com os níveis conceituais de leitura. Neste tipo de trabalho o orientador pode realizar trabalhos diversos respeitando os níveis de cada grupo. A criança que não se encontra alfabetizada, o trabalho com lista portadora de texto é de grande produtividade, pois o professor fonetiza a palavra e o aluno em sintonia com o som grafa palavra.

Para crianças em nível alfabético, o professor deve incentivá-los a produzir textos, logo após lê-lo para a turma no palquinho literário. Uma atividade que leva o aluno a sentir gosto pelo ato de ler é fatiar uma determinada história colocando-a em um saco, em seguida o discente escolhe o parágrafo que mais curtiu e lê para o coletivo.

A leitura pode ser prazerosa quando é contada na rua, debaixo de uma árvore, fazendo circular o livro envolvendo a historinha do dia e cada criança participa lendo um pedacinho da história. Logo após em grupo pode ser feito um reconto daquilo que leu e apresentá-lo a turma. Como a leitura está em toda parte, o professor pode convidar sua turma para circular pelas ruas lendo o que encontrar ou levá-los a um supermercado para que as crianças leiam rótulos de embalagens, produtos, assim aprenderão a ler espontaneamente e terão estímulo em descobrir mais e mais o mundo fantástico da leitura.

Explorar a capa do livro com os alunos é muito interessante, o professor antes de realizar a leitura propriamente dita faz uma roda de conversa sobre: o que esperam dessa leitura, observando a capa do livro do que se trata a história, que clássicos já conhecem. Dando prosseguimento a leitura pode ser lida pela professora, leitura individual pelos alunos de texto que contextualiza o livro, expressando o que mais lhe chama atenção.

O trabalho com o reconto da história também é uma tarefa rica para o crescimento de um leitor ativo, que pode ser de forma individual ou coletiva. Na 1ª série uma tarefa inerente para a criança sentir aptidão pela leitura é que lhe causa prazer e valorizando o que a criança expressa, ler e grafa lendo para a turma. Para os pequenos podemos trabalhar o poema A Casa do autor Vinicius de Moraes, realizando a leitura do gênero poema, cantando com as crianças, fatiando o poema para eles comporem, uma criança lê uma estrofe e as outras escutam. Esse tipo de tarefa convida as crianças a decifrarem o poema, funcionando como estimuladores de aprendizagens relativas à alfabetização.

No tocante a 2ª série pode ser trabalhado um poema ou qualquer outro gênero, cada criança com o poema transcrito num cartão, primeiro faz-se uma leitura silenciosamente, após em voz alta para os colegas do grupo com a finalidade de experimentar e praticar informações e ritmo, enfim, lendo oralmente para a turma, a cada poema lido a professora propõe alguns questionamentos a serem respondidos em conjunto, explorando sobre o que fala o poema, pesquisar palavras desconhecidas, como está organizado o poema, o que o autor menciona, concorda com ele em determinada fala.

É fundamental expor os poemas e compará-los, observando o que os poemas têm em comum e o que há de diferente entre uma e outra parte. As propostas aqui apresentadas tanto podem ser desenvolvidas em séries anteriores, como na 3ª e 4ª séries. Inicialmente sondar dos alunos se conhece determinado livro, em seguida leitura pelos alunos, cada grupo de um dos textos: "Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel no alto da torre", ou Pedrinho, Palito e Palhaço, cada grupo com o seu livro vai circulando entre os alunos, de modo que cada um leia um trecho da história aos colegas e depois o passe a outro. Dando prosseguimento distribui-se na equipe o que cada um vai ler.

De acordo com o conto lido pelo grupo, o professor solicita à turma que opine e traga sugestões para completá-lo. É preciso alimentar a imaginação das crianças oferecendo-lhes subsídios que os levem a ver a leitura como algo gostoso e não uma leitura sem envolvimento.

### **1.2.7 Ler para Comunicar um Texto a um Auditório**

Solé (1998) frisa que neste tipo de leitura, os aspectos formais são muito os aspectos isso, um leitor experiente nunca lerá em voz alta um texto para o qual não disponha de uma compreensão, ou seja, um texto que não tiver lido previamente, ou para qual não dispuser de conhecimentos suficientes.

Muito se tem percebido que muitas pessoas não desenvolveu o hábito de comunicar-se em público, isto acontece porque na maioria das vezes o professor não instiga no aluno a constantemente estar expondo suas ideias para a turma.

Neste tipo de leitura os aspectos formais são importantes. Cabe ao professor oportunizar ao aluno a apresentação de trabalhos individual, coletivo ou em dupla já nas séries iniciais, pois incentiva as crianças a expressarem aquilo que conhece com clareza trabalhar com jomais na sala de aula revisar redações construídas organizar poesias, fazer indagações, são atividades que pode ajudar o aluno a se comunicar.

#### **1.2.8 Ler para Praticar a Leitura em Voz Alta**

É fundamental depois de uma leitura coletiva em voz alta, o professor indagar questões sobre o tema abordado para avaliar se houve a compreensão, por outro lado, sabe-se muito bem que, para ler com eficácia em voz alta, se requer a compreensão do texto. Esse tipo de leitura deve prevalecer sempre em sala de aula. O professor deve ao trabalhar um texto, ler coletivamente com a turma para que a compreensão possa acontecer mais rapidamente.

#### **1.2.9 Ler para Verificar o que se Compreendeu**

Solé (1998) afirma ser indispensável levar em conta que o propósito de ensinar as crianças a ler com diferentes objetivos é que, com o tempo, elas mesmas sejam capazes de se colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequadas.

Gostaríamos de frisar, no tocante ao assunto que estamos mencionando aqui que é inerente ler para conseqüentemente responder certas perguntas formuladas pelo professor. Ativar o processo de leitura é fundamental, pois

através dela o aluno compreende os escritos. O aluno pode realizar uma releitura como análise de perceber se o que leu foi absorvido.

### **1.3 A LEITURA E SUAS ESTRATÉGIAS**

Antunes (2003) afirma que a leitura envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura. Segundo a referida autora, conforme variem os gêneros de texto (editoriais, artigos, ensaios, notícias, anúncios, avisos, relatórios, instruções de uso, editais, contos, poemas) conforme variem os objetivos pretendidos para a leitura (leitura informativa, leitura recreativa, leitura instrucional, etc), variam também as estratégias a ser utilizado (ANTUNES, 2003). O professor de português deverá promover ao aluno diversos princípios de leitura:

Assim, diz Antunes (2003), escrever sem saber para quem é logo de saída é uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referencia do outro, a quem todo texto deve adequar-se.

Como lembra Bakhtin, a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Não é positivo o professor realizar uma prática de escrita escolar sem leitor, sem destinatário, sem referencia, portanto para se decidir sobre o que vai ser escrito. Na concepção de Antunes (2003), a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes.

Se prestarmos atenção à vida das pessoas nas sociedades letradas, constatamos que a escrita está presente em várias atividades do dia a dia, tais como: no trabalho, na família, na escola, na vida social em geral e, mais amplamente, como registro do seu patrimônio científico, histórico e cultural. Diante dos dizeres de Antunes (2003), é através da escrita que o indivíduo informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e

divulga o conhecimento produzido pelo grupo. Como afirma Searle (1981, apud ANTUNES, 2003): "Se falar é uma forma de comportamento, escrever também o é".

É relevante a escola valorizar a escrita do aluno, pois tudo tem alguma consequência. A escrita varia na sua forma em decorrência das diferenças de funções que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza. A produção de textos escritos tem formas distintas, conforme as diferentes funções que se pretende cumprir.

Por isso é que uma carta, um relatório, um aviso um requerimento, têm um jeito próprio, um jeito típico de acontecer, ou seja, são feitos de acordo com certo modelo, com partes ou blocos mais ou menos estáveis, que vão suceder-se numa ordem também mais ou menos fixa.

Antunes (2003) relata que uma escrita uniforme, sem variações de superestrutura, de organização, de sequencia de suas partes, corresponde a uma escrita sem função, artificial, mecânica, inexpressiva, descontextualizada, convertida em puro treino e exercício escolar que não estimula nem fascina ninguém, pois se esgota nos reduzidos limites das próprias paredes escolares.

Por isso é necessário que o professor busque estratégias de escrita levando o aluno a ficar letrado, escrever com prazer para que ele possa interagir de maneira qualificada para atuar no seu meio social, ou seja, tendo seu próprio ponto de vista e grafar isso por escrito.

Antunes (2003) aborda que a escrita supõe condições de produção e recepção, diferentes daquelas atribuídas à fala. Como lembram Faraco e Tezza (2003, apud ANTUNES, p. 77. 2003): "O homem inventou a escrita, há milhares de anos, quando só a conversa não conseguia dar conta de todas as suas necessidades".

Cabe ao professor apropriar-se de meios relevantes para que o discente se adeque ao ato de escrever, dando ênfase a diversos contextos sociais. Não existe um padrão único de fala, como não existe também um padrão único de escrita.

Para produzir um texto é preciso um planejamento prévio, objetivos a alcançar e buscar como transmitir da melhor forma aquilo que se pretende comunicar. Por muitas razões o professor deve intervir para que o trabalho com a escrita tenha características que leve o aluno a participar ativamente do processo de leitura e escrita.

## **2.1 ESTRATÉGIAS DE ESCRITA**

Segundo Antunes (2003), os alunos devem ter autoria no processo de escrita. Na produção de texto, por exemplo, é o educando que deve ser o autor de sua própria história. A autora elenca ainda que o discente possa "sentir-se sujeito de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer.

Na concepção de Ferreiro e Palácio (1987, apud ANTUNES, 2003), a escrita escolar, como produção de textos se distribui desigualmente entre professores e alunos. Essa estratégia de escrita é eficaz, pois leva os alunos a exercitar sua participação social pelo recurso da escrita.

Antunes (2003) sugere meios de se trabalhar uma escrita de textos. Segundo a mesma, a escrita deve ser trabalhada com a finalidade de estabelecerem vínculos comunicativos. A ideia aqui estabelecida é que o professor instigue os alunos a trabalharem textos de acordo com o meio social do qual ele atua.

De acordo com Antunes (2003), a escrita de palavras ou de frases soltas só faz inibir a competência que é necessária para a produção de textos coesos e coerentes, que é a competência para articular palavras, orações, períodos, parágrafos. O que não acontece quando o aluno produz o todo e conseqüentemente estuda cada parte. Essa é uma atividade que conduz a criança ao progresso.

Uma escrita de textos socialmente relevantes as propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola e assim, sejam textos de gêneros que têm uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade (ANTUNES, 2003). Uma escrita funcionalmente diversificada, ou seja, voltada para cada

jeito diferente de escrever um texto ganha sentido e se justifica porque responde a uma diferente função interativa. É importante analisarmos que para o aluno escrever bem um texto, ele tem que se familiarizar com a função que o texto estiver voltado simplesmente para valorizar o exercício escolar, não terá êxito.

Outra estratégia construtiva que Antunes (2003) ressalta é uma escrita de textos que têm leitores. Os textos dos alunos, exatamente porque são atos de linguagem, devem ter leitores, ou seja, ser direcionado a outrem. A referida autora aborda ainda que a escrita deve ser dirigida a leitores reais, a leitores diversificados, que podem ser previstos e devem ser observado ao escrever, pois como já foi mencionado anteriormente que escreve toma as devidas decisões do que dizer e de como fazê-lo (ANTUNES, 2003). A escrita deve ser aplicada na sala de aula de forma contextualizada e adequada. Nessa perspectiva, o bom texto será não obrigatoriamente o texto correto, mas, inevitavelmente, o texto adequado à situação em que se insere o evento comunicativo. Compreendemos, portanto, que um texto é contextualizado quando a criança não foge de assunto que está sendo discutido.

Essa estratégia que Antunes (2003) coloca, ajuda educador a trabalhar determinado tema, produzir texto acordando o assunto em debate, e em seguida trabalhar a parte gramatical. Sendo por sua vez uma tarefa facilitadora na produção do educando. Como autora frisou anteriormente se escreve bem à medida que obtemos ideias. Segundo a autora supracitada, não é a "gramática" apenas que vai dizer se o texto está bom ou não são as regras sociais presentes no espaço de circulação do texto que definem sua qualidade. Cabe ao professor ter um olhar mais atento em trabalhar de forma contextualizada e não se apegar apenas a regras gramaticais excluindo o contexto.

Para que o aluno escreva de maneira metodologicamente ajustada é preciso que o mesmo disponha de tempo para escrever. Corroborando com os dizeres de Antunes (2003) um texto deve ser planejado, escrito e planejado.

Uma escrita é ajustada quando se cria com o discente a prática do planejamento, a prática do rascunho, a prática das revisões, de maneira que a

primeira grafia de seus textos tenha sempre um caráter de produção provisória, induzindo os alunos a escrever naturalmente, a experiência de fazer e refazer seus textos, como fazem os que almejam escrever com qualidade. É de extrema importância que os alunos escrevam de forma reduzida, porém que revise o que escreveu, ou seja, uma escrita produtiva.

Uma escrita orientada para a coerência global neste caso Antunes (2003) orienta o professor a observar os aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem, escolha da palavra certa, a adequação das expressões à função do texto e aos elementos de sua situação, o encadeamento dos vários segmentos do texto, bem como o sentido, a relevância e o interesse daquilo que é dito. Quando o professor fixa o olhar em analisar os padrões de correção ortográfica, deixa de analisar a coesão e a coerência que são elementos essenciais para um texto claro.

De acordo com Antunes (2003), a escrita precisa ser adequada em sua forma de se apresentar. A autora relaciona o funcionamento de um texto com um mapa: com instruções, pistas, com indicações que precisam ser seguidas. Diante de tudo o que já mencionamos, há diversos meios de trabalhar em sala de aula. Certamente se o professor por ideias em prática não sobrar tempo para se apegar a classificações morfológicas e aos exercícios de análise sintática.

Mas vai ter muita gente escrevendo bem melhor, com mais clareza e precisão dizendo as coisas com propriedade de acordo com a situação social. Como enfoca Antunes (2003), teremos de fato autores. Deste modo, a escola terá cumprido o seu papel social de intervir e contribuir com a formação de um cidadão autêntico para que o indivíduo exerça com plenitude a sua cidadania.

### **3.0.A RELAÇÃO LEITURA-ESCRITA**

Desde muito cedo a leitura e a escrita fará parte da vida de uma pessoa que vive em sociedade, como instrumento de exercício da cidadania. Segundo Parreiras (2009), ao ler e escrever, a criança é o sujeito da sua própria história: ela elabora, cria, registra, relata e tem voz, por isso é relevante que o professor

invista na leitura de textos variados e na escrita de textos autorais dos educandos.

O referido autor compartilha ainda sobre a necessidade de articular os diversos gêneros textuais em sala de aula a partir de uma roda de leitura, acrescenta que a leitura em voz alta tem efeito diferente da leitura silenciosa e abre a oportunidade para a criança ter voz frente aos colegas, falar, ler e ser ouvida (PARREIRAS, 2009).

Solé (1998) enfatiza que o ensino inicial da leitura deve garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas de sua aprendizagem, na realidade o texto escrito deve circular de forma relevante na sala de aula, nos livros, cartazes que anunciam determinadas atividades, passeios, acontecimentos, nas etiquetas que tenham sentido, por exemplo, as que indicam a quem pertence um determinado cabide, ou as que marcam o lugar onde devem ser guardadas as tintas e não de forma indiscriminada.

Por isso é fundamental que o professor use a língua escrita em diversas ocasiões (para escrever um bilhete para os pais, transmitir uma mensagem para outra classe, etc.).

No processo inicial da leitura serão de grande utilidade os livros ilustrados que contem coisas desconhecidas para escutar como o outro lê e as histórias tradicionais nas quais as crianças, graças ao seu conhecimento, poderão tentar adivinhar o que acontece.

De acordo com Solé (1998), o trabalho com rimas e adivinhação permitirá análise fonética, as notícias do jornal lhes apresentam textos diferentes de características específicas as instruções, cartas, receitas, notas, etc. tudo aquilo que possa ser lido (pela criança ajudada pelo professor, ou independente quando for possível) pode estar em classe dedicada do ensino inicial da leitura.

Solé (1998) destaca, portanto que a aprendizagem da leitura e da escrita se constrói no seio de atividades compartilhadas e não se pode esperar que a

criança se mostrasse competente em algo sobre o que foi instruída. Um escritor e leitor competente é aquele que ao produzir um texto é capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, claro ou incompleto. Além disso, é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até perceber que o texto é satisfatório para determinada realidade ou momento.

Consideramos fundamental abordar que a leitura e a escrita formam práticas complementares, pois é por meio da prática constante de leitura que as crianças produzem textos com mais eficiência. É a leitura que nos fornecem conhecimentos para saber do que se trata determinado assunto e como colocar em prática a escrita.

Entendemos que a leitura diária estabelece ao aluno desafio de utilizar as estratégias adequadas de como ler: ele seleciona, ou seja, o discente se foca ao que é mais importante para compreender o texto, levanta hipóteses, antecipa ideias e informações, faz inferências a partir do conhecimento prévio que já dispõe ou do contexto do texto e verifica a escrita do texto e verifica a escrita do texto que leu.

Se o que queremos é formar cidadãos capazes de compreender os vários textos que estão em sua volta, é preciso organizar o planejamento pedagógico em que o educando possa vivenciar as diversas modalidades de leitura: ler para adquirir conhecimentos, informar, estudar, escrever ou analisar seus escritos, para resolver problemas do cotidiano e também por pura curtição. Partindo do fazer dos alunos podemos ajudá-los a compreender o mundo que os cercam. Por isso é preciso que o professor provoque, estimule a prática da leitura/escrita, a fim de facilitar a relação sujeito e objeto.

### **3.1 DESENVOLVENDO AS HABILIDADES ORAIS**

Em síntese geral é imprescindível que o aluno desenvolva suas competências de falar, ouvir, ler e escrever textos. Antunes (2003) acorda mais uma vez acerca da fala, do escutar, da escrita e a da leitura que devem ser praticadas de acordo com textos, se não, não é linguagem.

O uso da língua se faz necessário, para desenvolver no aluno o hábito de contar histórias, reproduzi-las, relatar acontecimentos, debater, discutir

acerca de diversos temas, argumentar, informar, apresentar resumos, expor programações, apresentar pessoas, etc. Essas regras precisam ser devidamente vivenciadas na escola. Antunes (2003) afirma que a escola nem sempre tem dado importância a ouvir o aluno, pois uma competência de grande relevância e desenvolve a interação.

Cabe ao professor ter um olhar atento para desenvolver nos alunos as competências necessárias a uma a uma participação eficiente em eventos de comunicação pública, como uma conferência, uma reunião, um debate, uma apresentação, um aviso, etc. Vale lembrar que a atividade de se expressar é o ponto primordial para o ato da comunicação.

Trabalhar inicialmente a oralidade é o ponto de partida para que a criança possa refletir sobre atitudes, fatos, argumentos, manifestar sentimentos e contar experiências pessoais, essa seção tem importância vital, mas muitos pais tem a visão alienada, que a escola quando busca explorar com o aluno uma oralidade que não está ensinando da forma adequada.

Buscando garantir a confiança dos pais é necessário convidá-los para esclarecer a forma de trabalho da escola e os objetivos que atingimos com os mesmos, na verdade o trabalho oral deve acontecer em todas as fases da vida estudantil do aluno. A atividade lúdica ajuda nesse sentido, pois desenvolve a linguagem oral e ajuda no processo de socialização.

O brinquedo, o jogo, o prazer marcam sempre um encontro com a criança em sala de aula. A brincadeira pode ser um veículo de diálogo entre a criança e a realidade em que ela está inserida. Portanto, a proposta aqui apresentada centra-se no desenvolvimento de habilidades no uso da linguagem oral, para que os educandos saibam adequar suas falas aos diferentes contextos diários.

### **3.2 DESENVOLVENDO A COMPETÊNCIA DA ESCRITA**

A produção textual relacionada ao texto explorado leva o aluno a aprofundar o nível de apropriação dos elementos que há em um texto. Baldi (2009) coloca que para cada texto, pode ser proposta uma situação de escrita,

a partir das quais os alunos vão construindo não só competências, mas novas ideias e formulações sobre o texto lido.

Segundo a autora supracitada, o aluno pode escrever outro final para a história, alterar outra estrofe do poema, o próximo capítulo, o mesmo capítulo lido se fosse narrado por outro personagem, dar outro ponto de vista (BALDI, 2009). A autora sugere ainda que essas produções escritas também podem ser recomendações ou resenhas que vão para o mural da biblioteca, boletim, revista ou site da escola.

Lembremos que, em toda atividade de escrita o aluno deve ser induzido a vivenciar experiência, ou seja, planejar, após escrever, enfim revisar e reformular o seu texto para deixá-lo claro.

### **3.3 ESTRATÉGIAS DURANTE A LEITURA COMPARTILHADA**

Como elenca Solé (1998), ler é um procedimento, e se consegue ter acesso ao domínio dos procedimentos através da sua exercitação compreensiva.

Um ponto fundamental para uma leitura partilhada são os próprios alunos construírem sua autonomia, ou seja, selecionar marcas e indicadores, formular hipóteses, verificá-las, construir interpretações e saberem que isso é necessário para adquirir certos objetivos.

Segundo a autora supracitada, o importante é pensar que, por um lado, os alunos e alunas sempre podem aprender a ler melhor mediante da intervenção do seu professor e, por outro lado, que sempre, no nível adequado deveriam poder mostrar-se e considerar-se competentes mediante atividades de leitura autônoma. Essa competência pode ser colocada em prática através da leitura de um colega no cabide correspondente, ou o título de uma história que já foi trabalhada e, mais tarde, em textos narrativos e expositivos de complexidade crescente.

Neste contexto, as tarefas de leitura compartilhada devem ser consideradas a melhor ocasião para os alunos compreenderem e usarem as estratégias úteis para compreender os textos (SOLÉ, 1998)

Como já mencionamos em outras instâncias a leitura realizada pelo professor para o aluno poder ser útil e necessário. Porém os alunos não devem se tornar leitores passivos, isto é, em educandos que respondem as perguntas, que não interiorizam nem se responsabilizam por essas estratégias nem por quaisquer outras.

É relevante que o leitor assuma progressivamente a responsabilidade de realizar uma leitura autônoma em busca do exercício da cidadania. Com base na leitura compartilhada podemos considerar que o troca-troca de conhecimentos e saberes também fora da escola.

É através da ação do sujeito que a informação se transforma em conhecimento próprio. A partir das propostas apresentadas podemos realizar na escola uma feira de livro agendando para cada turma o programa que mais se relaciona de forma mais próximo com o trabalho da turma: bate-papo, oficina ou sessão de autógrafos de algum autor ou ilustrador que tenha sido especialmente trabalhado no certo período pela turma, leitura ou hora do conto de determinado texto, exposição de livros ou ilustrações, apresentação de um teatro coletivo ou música relacionada a alguma obra lida.

Uma atividade interessante é fazer com que as crianças leiam o texto juntas, cada uma lê um pouco, se houver alguma palavra que não conheçam, discutam sobre possíveis significados e depois confira no dicionário. Sempre se falou que as atividades compartilhadas desenvolvem atitudes de cooperação e solidariedade, o que já é suficiente para que a escola e a sociedade priorizem situações que possibilitem essa prática. Em síntese, a aprendizagem é troca, interação e participação. Cada vez que a criança é provocada a ler, escrever e produzir, brincar ela é desafiada a fazer descobertas, portanto adquirir novas experiências.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos problemas que a escola enfrenta é a prática desestimulada dos professores ensinar aos discentes o processo de leitura e escrita. A oralidade, a leitura e a escrita, é transmitida contra a criatividade, pois muitos professores pedem para o aluno escrever improvisadamente, sem planejamento e objetivo

a atingir, mas simplesmente buscando avaliar regras ortográficas, frases isoladas e uma leitura reduzida a um simples exercício de memorização, isto é, um trabalho descontextualizado.

Esses procedimentos apontados provoca no aluno uma desvantagem profunda, causando distanciamento do sujeito em vivenciar seu estilo próprio de se comunicar, ler aquilo que almeja e escrever dando ênfase as suas ideias. Com base no que foi mencionado, cabe ao professor repensar acerca de sua grande responsabilidade na formação do indivíduo, principalmente em relação aos alunos das séries iniciais, sobre os quais a influencia do professor é peculiar.

Como professores, devemos promover na sala de aula várias estratégias que permitam ao aluno a familiarização com diversos gêneros textuais, incentivando-os a fazer inferências de forma autônoma. Relembramos, portanto que o ensino de estratégias para ter acesso ao texto não é um fim, mas um meio para a criança interpretá-lo.

Salientamos que é papel do professor estimular no discente o prazer de ler e escrever. Enfatizando competências que irá subsidiá-lo para ler de maneira mais clara, consciente e respeitando a interação que a escrita supõe, uma escrita que haja encontro, envolvimento entre sujeitos, para que ocorra uma união de ideias, informações e alcance os objetivos pretendidos

Nos primeiros anos de escolaridade da criança, o aluno já possui conhecimentos prévios no seu cotidiano. É importante que o professor aplique meios eficazes que nos desperte mesmos o interesse em ampliar seus conhecimentos, leia para eles textos a partir do mundo que habita, deixe o aluno escrever inicialmente da maneira dele, busque várias formas de leitura individual, compartilhada, indique uma história através de imagens, de um outro sentido a historinha lida, etc. Assim o aluno terá facilidade em escrever com clareza ler com fluência, proporcionado ao outro sujeito entendimento de seus escritos.

Desse modo, cada criança vai construindo seu jeito particular de se expressar, ler e escrever dando importância as suas habilidades, descobrindo o

ato da leitura e da escrita de forma significativa. Algumas críticas podem ser lembradas a respeito de como vem sendo trabalhada essas grandezas em sala de aula. É relevante abordar inicialmente que a leitura é levada ao aluno como uma tarefa obrigatória tirando todo o seu prazer.

Outro ponto negativo é o ensino da escrita, pois quase sempre o professor não instiga no educando o hábito de escrever espontaneamente, mas pede que a criança produza um texto e delimita o tema e as linhas, o distancia o aluno a desenvolver suas particularidades. Ler e escrever são competências as quais lidamos diariamente. É preciso, portanto, que no momento de aquisição de ambas, os alunos possam receber acervos da melhor forma.

Não devemos deixar de frisar sobre a importância de escolher livros que tenham uma relação direta com a criança, mas levar o aluno a dar sentido as coisas, pois o discente não pode ler por pura obrigação e escrever passivamente e sim por curtição. É imprescindível que o aluno valorize a leitura e a escrita como fonte de prazer para o seu crescimento intelectual e a sua participação ativa como cidadão dentro da sociedade a qual atua.

### **Referências:**

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo-Paráiba Editorial, 2003 (Série Aula I).

BALDI, Elizabeth · Leitura nas séries iniciais: uma Proposta Para formação de leitores de literatura. Porto Alegre Projeto, 2009.

PARREIRAS, Ninfa. Confusão de línguas na literatura: O que O adulto escreve a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Trad. Claudia Schinling · 6 · ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# **CAPÍTULO II**

**INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DE ATIVIDADES AQUÁTICAS NA INTERAÇÃO  
SOCIAL DE ALUNOS COM AUTISMO**

## 1 INTRODUÇÃO

### INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DE ATIVIDADES AQUÁTICAS NA INTERAÇÃO SOCIAL DE ALUNOS COM AUTISMO

Antonia Fabiana da Silva Reis

John Lennon Oliveira da Silva

João Nogueira da Silva

Jaciele Batista da Silva

#### RESUMO

O Transtorno do Espectro Autístico – TEA caracteriza-se por alterações marcantes na linguagem, nas relações sociais e no comportamento do indivíduo. Por se tratar de um dos públicos amparado pela lei de inclusão brasileira, tem despertado muito interesse em estudos na tentativa de encontrar estratégias de ensino que amenizem suas dificuldades, dentre elas a de interação social. As atividades no ambiente aquático tem sido uma das estratégias atualmente muito utilizadas com alunos com TEA pelo fato de ser um meio agradável e que proporciona melhoras tanto físicas, psíquicas e sociais. Em razão da pouca interação social apresentada no autismo, esta pesquisa direciona-se para uma análise das influências das atividades aquáticas realizadas em um projeto de AEE na interação social de um aluno com autismo que dele participa, tendo como objetivo geral identificar os efeitos das atividades aquáticas propostas por um programa de atendimento educacional especializado no processo de interação social de alunos autistas. E os objetivos específicos são os seguintes: Descrever os avanços nos relacionamentos interpessoais do aluno que participam de um programa educacional no meio líquido nos ambientes escolar e familiar; Verificar mudanças nos comportamentos autísticos durante a participação das atividades no ambiente aquático. O método utilizado na pesquisa foi estudo de caso, com metodologia com abordagem qualitativa e caráter descritivo utilizando como técnica de coleta de dados entrevista e observação participante. Os resultados obtidos foram satisfatórios demonstrando que tanto a mãe como os professores que atuam com o aluno perceberam mudanças em seu comportamento na comunicação, após a participação no projeto de atividades aquáticas, destacando como melhoras além da interação social também na comunicação, afetividade e hiperatividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo, Atividades aquáticas e Interação social.

## ABSTRACT

Disorder of the autistic spectrum - TEA is characterized by marked changes in language, social relations and individual behavior. Because it is one of the public supported the inclusion of Brazilian law, it has aroused much interest in studies in an attempt to find teaching strategies that mitigate their difficulties, among them social interaction. The activities in the aquatic environment has been one of the strategies currently widely used with students with ASD because it is a pleasant environment, which provides both physical, mental and social improvements. Because of the little social interaction presented in autism, this research is directed to an analysis of the influence of aquatic activities in an ESA project in the social interaction of a student with autism that it participates with the overall objective to identify the effects of activities water proposed by a specialized education program in the process of social interaction of autistic students. And the specific objectives are: To describe the advances in interpersonal relationships student participating in an educational program in the liquid medium in the school and family environments; Check changes in autistic behavior during participation activities in the aquatic environment. The method used in the research was the case study, the methodology with a qualitative approach and descriptive as using interview data collection technique and participant observation. The results were satisfactory showing that both the mother and the teachers who work with the student noticed a change in their behavior in communication, after participation in the project of water activities, highlighting how improvements beyond social interaction also in communication, affection and hyperactivity.

**KEYWORDS:** Autism, Aquatics activities and social interaction

## 1. INTRODUÇÃO

O Trastorno do Espectro Autístico - TEA, conhecido como autismo é uma síndrome pouco conhecida e divulgada que caracteriza-se por alterações marcantes na linguagem, nas relações sociais e no comportamento do indivíduo. É uma deficiência sem causas evidentes, com ocorrências indefinidas, embora tenham diversas teses elaboradas por pesquisadores, esta permanece a ser uma incógnita. (LÔ, 2010)

Siegel (2008) também ressalta que existem algumas particularidades que envolvem o indivíduo que apresenta essa síndrome como: o déficit de interação social, que dificulta o processo de aprendizagem de pessoas que se está acometido com esta síndrome, com isso vem se traçando uma busca por metodologias de ensino adequadas e eficazes que permitam ao indivíduo um

melhor convívio social tanto na escola como nos outros ambientes por ele frequentado.

Freitas (2000) em seus estudos sobre Vygotsky destaca um pensamento desse teórico sócio-interacionista, em que ressalta que a forma de aprendizagem das crianças se dá de acordo com as dinâmicas das relações sociais. O mesmo afirma que o indivíduo forma seus conceitos e suas funções psicológicas (memória, atenção e percepção) em dois momentos. Tratando a distância entre o primeiro (nível interpsicológico) que é quando a criança está em contato com as pessoas e o segundo (intrapsicológico respectivamente) de zona de Desenvolvimento Proximal, em que este se estabelece durante a apropriação do conhecimento pelo aluno, processo este auxiliado pelo professor e mediado pelas ferramentas simbólicas existentes no universo do educando.

Para obter-se uma melhor forma de transmissão de aprendizagem para com essas pessoas o ambiente aquático é uma das formas mais visadas como uma boa interação entre o indivíduo com a síndrome e a pessoa que está participando de seu tratamento, como retrata Filho (2003) em seu trabalho quando fala que a psicomotricidade relacional em meio aquático, quando trabalhado, principalmente com crianças com necessidades educacionais especiais, tem como meta criar condições para que elas possam expressar-se por intermédio do jogo simbólico (representação de papéis) e do exercício, contribuindo para a sua autonomia e independência tanto dentro como fora d'água.

Essa interação em meio aquático acredita-se ser muito benéfico, tendo em vista que a água possui propriedades que constitui uma importante ferramenta para se utilizar com o objetivo de oferecer aos alunos um ambiente agradável e propício para se aprender e socializar. As atividades aquáticas melhoram visivelmente as capacidades físicas do indivíduo, seu equilíbrio, sua autoestima, autoconfiança, melhora a postura corporal, alivia as tensões gerando acima de tudo estado de ânimos positivos e com isso favorecendo a interação com os outros e com o meio.

Outra atividade importante para a interação dos autistas é a atividade em grupo e em um meio agradável poderão constituir em dois elementos indispensáveis e que juntos colaboram consideravelmente no processo de

ensino-aprendizagem de alunos autistas na medida em que proporcionam benefícios de caráter físico, cognitivo e social, proporcionando aos mesmos uma melhor relação com os outros e o meio em que vivem.

Assim o objetivo geral deste trabalho é identificar os efeitos das atividades aquáticas propostas por um programa de atendimento educacional especializado no processo de interação social de alunos autistas. E os objetivos específicos são os seguintes: Descrever os avanços nos relacionamentos interpessoais do aluno que participam de um programa educacional no meio líquido nos ambientes escolar e familiar; Verificar mudanças nos comportamentos autísticos durante a participação das atividades no ambiente aquático.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 AUTISMO**

O autismo é um transtorno de causa pouco conhecida que se caracteriza por alterações marcantes na linguagem, nas relações sociais e no comportamento do indivíduo e, assim sendo tem despertado interesse de estudo em diversas áreas do conhecimento, tanto na educação como na saúde. Representam, segundo as diretrizes da educação especial estabelecida pelo Ministério da Educação brasileiro, um dos grupos que devem receber o atendimento educacional especializado concomitante ao ensino regular.

O termo autismo surgiu por volta do ano de 1911 pronunciado pelo psiquiatra Eugene Bleuler, estando relacionado a uma perda de contato com a realidade dentro do quadro da esquizofrenia. Alguns anos depois em 1943 esse termo foi reforçado pelo psiquiatra austríaco Dr. Leo Kanner, onde o mesmo caracterizou o autismo como um isolamento extremo do indivíduo, um desapego ao ambiente desde o primeiro ano de vida (SZABO, 1995, In LÔ 2010).

E durante muitos anos o autismo vem sendo estudado, podendo destacar Siegel (2008) que em seu trabalho retrata o autismo como uma perturbação do desenvolvimento que afeta vários aspectos no indivíduo, interferindo na forma como cada um vê o mundo e de que forma se comunica

com as pessoas através de suas próprias experiências adquiridas, seja ela criança ou adulto.

Com isso pode-se considerar que o autismo pertence ao grupo das perturbações globais do desenvolvimento, sendo considerada uma grave e precoce perturbação. A mesma não tem cura e persiste por ao longo da vida, podendo variar sistematicamente. Podendo descrever o autismo como um déficit acentuado que afeta três áreas do desenvolvimento (Interação social, Comunicação e comportamento), como trata Siegel em seu estudo.

Anos após, outro autor em seu campo de estudo, vem aprofundar suas pesquisas sobre o autismo, o mesmo caracteriza essa síndrome com um transtorno de incapacidade de relacionamento com os outros, falha no uso da linguagem, desejo obsessivo de manter as coisas da mesma maneira, ansiedade e excitação fácil com determinados objetos. (LIMA 2012)

No geral, levando em consideração os estudos já realizados, especificamente no contexto educativo, o autismo é considerado uma necessidade especial de caráter permanente, levando em conta que o mesmo não tem cura e sim tratamento.

### **2.1.1 Diagnóstico do Autismo**

Mesmo com tantos estudos desenvolvidos, as causas do autismo ainda são desconhecidas. Em 2007 Melo desenvolveu um trabalho falando sobre as causas do autismo e neste ele relata que as mesmas podem ser originadas de anormalidades de algumas partes do cérebro, indefinidas conclusivamente e provavelmente de origem genética, podendo também ser causado durante a gestação ou no momento do parto.

O autor supracitado relata que os sintomas manifestam-se desde os primeiros dias de vida, contando com um sintoma bem comum que vem chamando a atenção dos pais, sintoma esse que deixa a criança mais calma e sonolenta do que o normal, ou até choro excessivo sem consolo durante prolongados períodos de tempo. Percebe-se que o bebezinho não gosta muito do colo ou qualquer tipo de aconchego. Ao crescer, não compartilha sentimentos, não se comunica com gestos comumente observados, não procura o contato ocular.

Algo bem comum entre os autistas é a estereotipias, que podem ser movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação de olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como de morde-se, morder roupas ou puxar cabelos (MELLO, 2007).

Essa questão de diagnóstico do autismo vem sendo discutida ao longo de muitos anos, podendo observar em um trabalho desenvolvido por Rocha (2002), que traz a referência de (Leonir e Mavy de 1997), onde ambos retratam que o autismo é uma doença crônica, mas que com diagnóstico precoce e uma intervenção adequada, ajudam a estimular o desenvolvimento do indivíduo acometido com síndrome. O diagnóstico de tal é realizado através de uma avaliação do desenvolvimento, expresso pelo comportamento do indivíduo.

Os autores ainda lembram que o primeiro diagnóstico se dá inconscientemente pelos pais, aos perceberem algo diferente e se pega a questionamentos. Muitos desses motivos são citados pelos autores como:

Estado de hipotonia que se transforma em hipertonia quando o bebê é pego ao colo e se manifesta pelo arqueamento do tronco; Anomalias da motricidade e do tônus muscular; Poucos Balbucios; Ausência de choro ao acordar ou manifestar fome e desconforto; Ausência de linguagem até os 16 meses, sem que tenha sido diagnosticada surdez; Ausência de sobressalto na presença de um barulho forte ou repentino; Hiper reação a barulhos específicos; Deslocação a corre, em ponta dos pés; Atividades solitárias: jogos com os dedos e mãos diante dos olhos; Isolamento durante períodos em zonas específica da casa; Contacto ocular muito rápido; Interesse, não pelas pessoas em si, mas por partes do seu corpo; Ausência de comportamento de imitação, entre outras. (ROCHA, p. 67. 2002)

Contudo, os autores supracitados consideram que é necessário um período de observação e verificação de uma quantidade alargada dos sinais apresentados. De acordo com Bandeira e Levy (2012), que inicialmente devem-se observar seriamente os primeiros sinais, a partir deste rateio procurar um aprofundamento no encontro de sinais mais frequentes, a partir daí, deve se fazer um rastreio sensorial oftalmológico e audiológico.

## **2.2 ATIVIDADE AQUÁTICA**

Pimenta (2012) em seu trabalho fala sobre os efeitos terapêuticos da água e a importância da prática de atividade aquática. Ressalta que a terapia aquática facilita o relaxamento muscular, a amplitude de movimento das articulações e melhora a força e resistência muscular, por outro lado, a prática de atividades aquáticas vai aos poucos fortalecendo os músculos, com isso melhoram a estabilidade postural e as habilidades de locomoção e controle de objetos, melhoram também o controle respiratório e a aptidão cardiorrespiratória, como também reforçam a aprendizagem acadêmica com desenvolvimento dos conceitos cognitivos.

Para Arroyo e Oliveira (2007) o ambiente aquático é muito bom, proporciona experiências e vivências novas e variadas, favorece a percepção sensorial e motricidade, auxiliando no desenvolvimento das capacidades psicomotoras, como coordenação, equilíbrio, esquema corporal, lateralidade, orientação espacial e temporal.

O ambiente aquático é prazeroso, permite grandes benefícios para todos os tipos de indivíduos utilitários de atividades realizadas neste meio, seja de qualquer faixa etária, tanto nos aspectos físicos e psicológicos, como nos sociais, ambos fundamentais para um bom relacionamento entre o aluno e o meio, o aluno com o(s) professor(es), e do aluno com os colegas. Em seu trabalho Santiago e Tahara (2006) descrevem os benefícios da atividade aquática no aspecto social, no favorecimento das relações interpessoais, na promoção de aumento dos laços de amizade, interesse em compartilhar experiências e ideais, entre outros.

Para o desenvolvimento satisfatório de um programa de intervenção motora em meio aquático faz-se fundamental a influência afetivo-emocional dos participantes. O ambiente possui características particulares que facilitam a interação do indivíduo com os demais membros do grupo, visto que na proposta das atividades há um alto nível de proximidade entre eles. Para Sulzbach (p. 89. 2009), “a afetividade e o toque corporal são importantes nas relações humanas e este serve de ligação da sua segurança emocional, reforçando o processo de adaptação, familiarização e confiança”.

A atração que os autistas sentem pela água é inexplicável cientificamente. Numa época pensava-se que esta seria a volta ao útero materno, mas não foi comprovado. O importante é que na água eles se sentem livres, diminuem as

estereotípias, que são os movimentos repetitivos e as ecolalias, que são palavras e frases repetitivas. Eles ficam calmos na água, têm percepção espaço-temporal, ao mesmo tempo em que sentem liberdade se sentem seguros num ambiente acolhedor e limitado. (WEGNER 2013)

### **2.3 INTERAÇÕES SOCIAIS**

A interação social entre as pessoas se dá através da comunicação. O processo de apropriação da linguagem é de suma importância para o desenvolvimento humano. É através da comunicação que se dá em momentos de interação e mediação que compartilhamos ideias e conhecimentos e que vamos construindo enquanto sujeitos sócio históricos. (FOSCARINE 2012)

Embora muito abrangente seja o conceito sobre interação social, no ano 2000, o autor Jordan, definiu o termo interação social de uma forma muito sucinta, considerando o termo como a capacidade de partilhar o prazer da companhia dos outros e na capacidade de responder e de iniciar comportamentos sociais dentro dos diferentes contextos que, pela sua natureza, estão em constante manutenção.

Segundo Siegel (2008) o conceito de interação, além de vasto, aparece muito associado a outros, sendo por isso difícil uma definição precisa. Ressaltando que as interações nas crianças autistas são muito pouco frequentes, pois as mesmas se isolam mesmo estando numa sala cheia de pessoas, não dando a mínima importância aos acontecimentos ocorridos ao seu redor, sendo descritas como “isoladas”, “à parte”, “no seu próprio mundo”.

De acordo com os estudos dos autores, verifica-se que o conceito supracitado, surge associado à comunicação verbal, não verbal e compreensão, uma vez que implica um conjunto de atitudes, expressões e interpretações da realidade dos intervenientes.

Muitos autores tem estudado a interação social entre os indivíduos, onde são citados por Marlebi 2010, em seu estudo o autor destaca que todos os autores citados buscam formas de agregação de interação como: ambiente escolar regular, proporcionando situações em que haja interação com as crianças com desenvolvimento típico, os analistas do comportamento vêm desenvolvendo intervenções com o objetivo de suprir os déficits das crianças

em diferentes áreas do desenvolvimento. Em relação ao repertório social, tecnologias foram desenvolvidas com o objetivo de instalar habilidades sociais nas crianças autistas promovendo interação física e/ou verbal com colegas, pais e professores. Exemplos dessas tecnologias podem ser vistos em Loveland e Tunalí (1991); Goldstein e Cisar (1992); Krantz e McClannahan (1993, 1998); Kamps, Barbeta, Leonard e Delquadri (1994); Taylor e Levin (1998); Stevenson, Krantz e McClannahan (2000); Sarakoff, Taylor e Poulson (2001); Leblanc, Coates, Charlop-Christy, Morris e Lancaster (2003) e Owen-DeSchryver, Carr, Cale e Blakeley-Smith (2008).

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.**

A política de educação inclusiva do município de Pedra Lavrada/PB desde o ano de 2011 procurou se adequar às diretrizes propostas pelo Ministério da Educação, que assim como propõe a lei de inclusão, tem como principal inserir todos os alunos com deficiência nas classes de ensino regular com o acompanhamento do atendimento educacional especializado nas salas de recursos multifuncionais.

Neste mesmo ano o município foi contemplado com duas salas de recursos, sendo uma em uma escola no campo e outra na zona urbana, e ainda criado uma equipe com três profissionais para atuarem nesses estabelecimentos, sendo uma pedagoga, um psicopedagogo e uma educadora física, os quais começaram desenvolver alguns projetos para a sala de recursos na perspectiva do AEE, dentre eles o de atividades físicas aquáticas. Este projeto propõe exercícios físicos, natação e atividades recreativas com o intuito de desenvolver aspectos motores, sociais e afetivos dos alunos que dele participam.

O projeto atende 18 alunos tanto da sala de recursos, que não sofram convulsões e nem tenham restrições para realizar exercícios na água, como alunos sem deficiência, mas que necessitam deste tipo de atividades devido apresentarem problemas respiratórios e de caráter motor. Dentre os participantes encontra-se um aluno com autismo que despertou o interesse para o presente estudo devido suas particularidades, dentre elas a dificuldade de interação social e que dificulta sua aprendizagem.

O presente artigo deteve-se em investigar a importância das atividades aquáticas praticadas por um aluno com transtorno do espectro autista – TEA, e suas contribuições na interação social do mesmo analisando sua rotina de atividades em um projeto vinculado ao atendimento educacional especializado – AEE das escolas públicas no município de Pedra Lavrada/PB.

### **3.1. TIPO DE PESQUISA**

Para se alcançar resultados que respondam satisfatoriamente os objetivos propostos neste estudo, optou-se por uma pesquisa com abordagem qualitativa, pela natureza dos dados coletados e por tratar-se de uma investigação social em que busca-se analisar os fenômenos naturais referentes a rotina das atividades aquáticas praticadas em um projeto e suas contribuições no processo de interação social de um aluno autista compreendendo e interpretando a relação entre as variáveis do processo. Para González, Fernández y Aranda (2011, p. 64) o método qualitativo “serve para compreender um problema de caráter humano ou social, por meio da elaboração de um desenho complexo construído sobre palavras e desenvolvido num contexto natural”.

Já Kauark, Magalhães e Souza (2010, p. 26) consideram que “há uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números... O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”.

Quanto aos objetivos o estudo apresentou caráter descritivo, pois descreve as características do aluno com TEA mediante a participação em um projeto por ele frequentado estabelecendo assim uma ligação entre a dificuldade de socialização observada no autismo e a participação nessas atividades identificando possíveis relações entre tais variáveis e ainda determinando a natureza dessa relação.

Para Kauark, Magalhães e Souza (2010, p. 28) este tipo de pesquisa “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas

padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento”.

## **2.1.LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.**

A pesquisa foi realizada em um projeto de atividades educativas aquáticas vinculado às salas de recursos multifuncionais das escolas públicas municipais em Pedra Lavrada na Paraíba.

O referido projeto tem com objetivo oferecer atividades físicas no ambiente aquático para os alunos com deficiência atendidos nas salas de recursos multifuncionais da rede municipal de ensino com o intuito de oferecer possibilidades de vivências motoras em um ambiente diferente e agradável.

A cidade de Pedra Lavrada possui um total de duas salas de recursos multifuncionais, sendo uma localizada na zona urbana e outra na escola do campo, que oferecem atendimento especializado a todos os alunos do município de acordo com a proximidade da residência e a facilidade de transporte.

Os profissionais que atuam no AEE são três, sendo uma educadora física, uma pedagoga e um psicopedagogo, todos com especialização em educação inclusiva, os quais desenvolvem projetos voltados aos alunos, pais e professores do ensino regular. Dentre os projetos desenvolvidos por estes profissionais, temos o de atividades aquáticas que ocorre em um espaço alugado pela secretaria de educação.

## **3.3 AMOSTRA**

Por se tratar de um estudo de caso do único aluno com autismo atendido pelo projeto, a amostra foi não probabilística e intencional utilizando-se os seguintes critérios na amostragem:

- a) Critérios de inclusão e exclusão.

O número total de alunos atendidos no projeto são 18 com e sem deficiência, os quais são encaminhados pela equipe pedagógica das escolas de acordo com alguns critérios estabelecidos pelos professores da sala de recursos. Que são:

-Alunos com deficiência que apresentam dificuldades na deambulação, equilíbrio, coordenação motora, agilidade e que não sofrem convulsões.

- Alunos sem deficiência que possuem problemas respiratórios crônicos, problemas articulares e musculares que os impeçam de realizar atividades físicas escolares.

- Ambos os grupos precisam passar por uma avaliação médica antes.

Contudo, por se tratar de um pequeno grupo de participantes e de um estudo de caso selecionou-se o indivíduo para análise utilizando a técnica de amostragem de juízo adotando os seguintes critérios para seleção:

- Que fosse aluno do projeto de atividades aquáticas e regularmente matriculado e frequentando o ensino regular.
- Que caracterizasse com Transtorno do Espectro Autista, com laudo médico;
- Que os pais fossem de acordo com a participação de seu filho no estudo

### **3.4 TÉCNICA E MÉTODO**

Por se tratar de uma investigação social em que a problemática que deu origem aos objetivos que nortearam a pesquisa baseou-se na vivência educacional da pesquisadora junto ao grupo estudado, a metodologia utilizada considerou a natureza subjetiva do objeto escolhendo assim método e técnicas adequadas e que permitam obter informações suficientes, de diferentes fontes e observadas de diversos ângulos.

Contudo adotou-se o método de pesquisa a modo de estudo de caso por tratar-se de uma análise profunda das atividades praticadas por um aluno com TEA no ambiente aquático, estabelecendo uma relação entre a importância da participação no programa para a melhora nas relações interpessoais nos ambientes escolar e familiar do participante do estudo.

Para Kauark, Magalhães e Souza (2010, p.29), o Estudo de caso é “quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”, devendo ser “tratado com profundidade, buscando o completo entendimento de sua natureza, suas circunstâncias, seu contexto e suas características”(Sampiere, Colaco E Lúcio, 2006 p.275), para que desta forma obtenha-se fidedignidade

nos dados coletados durante a investigação e fornecendo informações suficientes que contribuam positivamente na prática educativa do programa estudado e de outros profissionais que atuam na educação de alunos com autismo.

Para uma melhor abordagem e aprofundamento a respeito do tema pesquisado utilizou-se o máximo de instrumentos e técnicas possíveis e que fossem adequados ao objeto de estudo, de forma que se obtivessem as informações necessárias para alcançar os objetivos propostos na investigação e produzisse também resultados suficientes.

Dentre os instrumentos adotados para coletar informações a respeito da pesquisa, destaca-se um guia de entrevista, que tem como objetivo obter informações da mãe do aluno autista e outro para o professor que atua no projeto, utilizando-se para isto a técnica de entrevista, obtendo-se dados sobre a importância da participação do sujeito no programa de atividades aquáticas, na interação social do mesmo, nos ambientes escolar e familiar, bem como possíveis mudanças nos comportamentos deste aluno.

Para Rosa e Arnold (2008 p. 17) a entrevista não se trata de um simples diálogo, mas, sim, de uma discursão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa.

Para que as fontes de coleta de dados, neste caso a mãe e o professor do aluno, fornecessem as informações de acordo com os objetivos do estudo utilizamos a entrevista semiestruturada com perguntas abertas, em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Com questões bem diretivas, obtém-se, do universo dos sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais (Severino, 2007 p. 125).

Antes de aplicar os guias de entrevista, apresentou-se um termo de consentimento livre e esclarecido ao professor e a mãe do aluno para que os mesmos tomassem conhecimento dos objetivos do estudo e manifestassem se estavam de acordo com todos os procedimentos a serem realizados. As entrevistas foram aplicadas em um mesmo dia e ao mesmo tempo com os dois participantes durante o acompanhamento das atividades, em que a

pesquisadora leu cada uma das perguntas aos entrevistados explicando e comentando cada uma delas.

Para se acompanhar a rotina das atividades dos envolvidos nesta pesquisa, a investigadora adotou um diário de bordo, que no período de 3 (três) meses registrou-se pontos específicos que nortearam os principais acontecimentos ocorridos nos atendimentos, bem como sua vivência junto ao aluno, ressaltando aqueles mais importantes, em que o sujeito manifestava algum avanço no aspecto social ou também informações obtidas nas conversas informais com a mãe e o professor.

Como a investigadora também é professora na instituição, foi facilmente integrada ao grupo, tendo a oportunidade de acompanhar o fenômeno estudado (a interação social do aluno) de forma bem natural e em seus aspectos reais. Neste tipo de técnica de coleta de dados, o pesquisador participa da situação que está estudando, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição dele, que se incorpora ao grupo de modo natural (Kauark, Manhães e Souza, 2011 p. 62).

Contudo, por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo e que em seu processo investigativo buscou inquirir a relação existente entre prática de atividades aquáticas propostas por um projeto de atendimento especializado na melhora da socialização de um aluno com autismo, buscamos o máximo de informações nas mais diversas fontes disponíveis tais como: os professores do projeto, a mãe e a sua rotina nos atendimentos.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com os dados coletados durante a pesquisa de campo, apresentamos os resultados abaixo obtidos através da aplicação de guias de entrevista semi estruturados, com nove perguntas abertas direcionadas ao professor da sala de recursos multifuncionais e outro com cinco perguntas abertas para a mãe do aluno que participa do programa de atendimento especializado, sendo este o ambiente aquático.

##### **4.1 DISCUSSÕES DOS GUIAS DE ENTREVISTA.**

Os guias de entrevista foram aplicados ao profissional que desenvolve o trabalho no ambiente aquático junto ao aluno autista participante do programa de atendimento educacional, em busca de respostas claras que respondessem aos objetivos propostos nesse trabalho. Também com a mesma finalidade, foi aplicado outro guia de entrevista a mãe do aluno, levando em conta que a mesma o acompanha durante todas as suas estadas no processo de aprendizagem.

#### **4.1.1 Guia de Entrevistas I (Professor do programa de atendimento educacional especializado no meio aquático).**

De acordo com as respostas obtidas através do guia de entrevista aplicado ao profissional que acompanha o desenvolvimento do aluno autista no ambiente aquático, pode-se observar que com relação as características apresentada pelo aluno, o professor relata que o mesmo apresenta dificuldade na comunicação verbal, em socializar com os outros colegas, mas que com o professor interage muito bem, com uma diferença: o mesmo não olha muito nos olhos, sempre de cabeça baixa como se estivesse em um mundo só seu, fechado.

Com relação às dificuldades encontradas ao se trabalhar com um aluno autista, em especial com esse. O professor relata que sente dificuldade porque o aluno não interage bem com os outros alunos, prefere ficar mais isolado e não se comunicar verbalmente como se pretende. Para tentar melhorar essa interação professor/aluno, o mesmo buscou diversas formas de trabalhar suas atividades, descobrindo que o aluno desempenha uma maior interação com as atividades, em que as mesmas são cantigas de roda e atividade com bolas. Desta forma ficou um pouco mais fácil a interação. Após isso o professor ao levar o aluno para a piscina, desenvolve quase todas as atividades com bolas, resultando assim em uma melhoria na interação entre eles.

Ao se retratar as atividades com bola, o professor frisou um ponto importante: O aluno não gosta de qualquer tipo de bola, fato este observado durante as tentativas utilizadas para se obter uma melhor interação. Através destas tentativas, o professor percebeu que o aluno gostava de bolas pequenas e coloridas. Com isso, o mesmo só utiliza este tipo de material.

Um friso importante ressaltado por ele é as mudanças que o mesmo tem percebido nas características artísticas deste aluno, descrevendo algumas delas como: após algum tempo de contato, o aluno o chamou pelo nome, coisa que nunca havia feito e dirigiu-se a um de seus colegas. Como percebemos na fala abaixo:

Sim. Percebo que ele interage mais comigo, as vezes até diz algumas palavras. Outro dia ele chamou pelo meu nome, também já se dirigiu a um colega, mas sempre quando estamos nas atividades na piscina, depois que sai volta pro mundinho dele. (Professor).

Quando perguntado se o professor acredita que o ambiente ao qual está sendo desenvolvido o trabalho com esse aluno autista, tem ajudado no auxílio ao tratamento. O mesmo respondeu que sim, pois a mãe tem relatado a melhora que o filho apresentado após ter iniciado esse atendimento especializado, que após as aulas na piscina o aluno fica mais tranquilo e que tinha um problema no pé e que melhorou muito.

O professor se sente feliz em participar deste programa e de se relacionar com um aluno autista, pois diante os avanços que o mesmo tem demonstrado, o professor se sente satisfeito com o seu trabalho realizado. O mesmo relata que o aluno vem se desenvolvendo muito bem, interagindo com os colegas e com ele mesmo, ou seja, vem se socializando com o meio em que está inserido.

Todo esse relato do professor assemelha-se a Foscarine (2012), que resalta as mudanças na interação de alunos autistas após a realização de encontros semanais e a utilização de técnicas que lhes chamavam atenção aos quais os mesmos sentiam-se atraídos e bem.

Podemos relacionar esse relato do professor com as observações descritas por Freire (2012), onde o mesmo fala que foi observado uma melhoria observação professor/aluno, aluno/aluno após a utilização de técnicas utilizadas pelo professor para chamar a atenção do aluno durante os encontros.

#### **4.1.2. Guia de Entrevistas II (Mãe do Aluno Autista)**

As respostas da mãe foram de grande valia para as respostas que se pretendiam pertinentes aos objetivos traçados.

A mesma relata com clareza que o filho vinha apresentando-se estranho desde pequenininho, mas ao completar dois aninhos ela se complicou, pois seu filho não falava nada, não gostava de barulho ou de ficar em ambientes com muitas pessoas, ela percebia que o mesmo ficava muito incomodado. Com isso a mesma procurou um médico que diante os sintomas começou a procurar um diagnóstico.

Após o diagnóstico de autismo, a mãe ficou muito preocupada, pois não sabia como lidar com toda a situação, foi então que surgiu o seu filho começou a frequentar o programa de atendimento educacional. A mãe ficou muito feliz ao saber que seu filho iria se desenvolver melhor e que neste programa ela iria acompanhar o filho e aprender junto ao mesmo a se relacionar melhor com suas diferenças, com isso faz dois anos que a criança participa do programa.

A mãe relata que o programa é muito bom, que inicialmente não sabia como se dava esses encontros e como seria essa participação. Disse ainda que ficou curiosa em saber como seriam essas atividades dentro da piscina, que ficava se perguntando se seu filho ia ter medo, se ia gostar e etc. Mas que após o início ficou muito feliz com tudo, pois percebeu que seu filho gosta muito da piscina.

Com relação às mudanças apresentadas pelo seu filho após o início de sua participação no programa, a mãe relata que o filho melhorou muito, pois quando ele volta das aulas vem mais calmo, se comunica com os coleguinhas, se comunica melhor com ela, coisa que não fazia de jeito nenhum antes e que isso a deixa muito feliz, pois hoje ela já entende a situação e já sabe lidar com tudo. Tais benefícios percebemos na fala da mãe a seguir:

Olha antes ele tinha medo de tomar banho em piscina, mas acho que porque não conhecia como era, depois que ele começou ir pro projeto foi se soltando aos poucos, foi se acostumando, na piscina ele se interessa mais nas atividades. Agora depois desses anos participando eu noto ele mais solto, tranquilo, principalmente quando vem das aulas (Mãe).

A mãe descreveu com clareza como era o seu filho antes, durante e após as aulas na piscina, ressaltando que a cada término de aula ela nota

pequenas diferenças no seu filho que como ela mesmo diz: “Se for juntar esse pouco, percebemos que é um muito”

Todo esse relato da mãe do aluno e do professor é destacado por muitos autores em seus trabalhos com relação ao comportamento dos alunos autistas antes, durante e após exercícios estimulantes de interação. Podendo ressaltar (Marlebi 2010, Freire 2012, Freitas 2012, Pimenta 2012 e Chicon 2014), onde todos eles ressaltam em seus estudos fatos observados após a inclusão de alunos autistas em algum programa de desenvolvimento educacional, pessoal, social, que levam esses alunos a um desenvolvimento melhor e buscam com isso uma melhor interação desses autistas com o meio em que vivem.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista as análises realizadas, acreditamos que o professor é um dos profissionais que se destacam no contexto educacional inclusivo, traçando metas, objetivos que consigam incluir os alunos no meio social, desenvolvendo atividades que atenda as necessidades dos alunos que ali se encontram, vindo com isso uma forma mais tranquila de interagir esse indivíduo com o ambiente em que se está inserido.

Com base nas análises dos instrumentos utilizados para dar resposta ao estudo, pode-se observar que foi uma superfície de resposta satisfatória, tendo em vista os avanços conseguidos com esse aluno diante as atividades desenvolvidas dentro do programa em que o mesmo está inserido.

Com relação ao relato da mãe, pode-se concluir melhor os avanços que a criança autista vem apresentando após a sua participação no programa, mostrando sua satisfação em fazer parte de um programa que vem ajudando ao seu filho a se desenvolver no meio social e também a ela mesma lidar com a situação, ressaltando que antes a mesma se sentia perdida diante a sintomatologia e a forma como tratar o próprio filho.

Neste sentido, baseada nas entrevistas e também nas observações das atividades, percebemos que o ambiente aquático proporciona muitos benefícios para os participantes de exercícios neste meio devido as propriedades da água permitirem diversas oportunidades de realização de movimentos, relaxamento

muscular, alívio de tensões... E conseqüentemente isto proporcionará benefícios em vários aspectos tanto físicos, psicológicos, afetivos e sociais.

Outro aspecto importante que podemos destacar é que no meio líquido o aluno apresentou benefícios bastante significativos tais como, na socialização e interação nos ambientes escolar e familiar, e em alguns comportamentos autistas como a hiperatividade, comunicação e comportamento, que foram destacados pelos entrevistados como características marcantes do referido aluno.

Pode - se concluir após todos os relatos, observações pertinentes ao diário do observador e correlações com os demais autores encontrados na literatura que o presente trabalho respondeu satisfatoriamente os objetivos traçados inicialmente, mostrando com isso que o ambiente aquático é um maravilhoso meio de inclusão e desenvolvimento social de crianças com deficiências, principalmente as autistas.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, C. T; OLIVEIRA, S. R. G. **Atividade aquática e psicomotricidade de crianças com paralisia cerebral**. Matriz. Rio Claro, V. 13, N. 2. 2007

BANDEIRA, C. L; LEVY, P. **A causa do autismo: Investigação etiopatogênica**. In Bandeira de Lima, C. (coord). Perturbações do espectro do autismo. Manual Prático de intervenção. Lisboa: Lidel 2012.

CHICON, J. F. et al. **Natação, ludicidade e mediação: a inclusão da criança autista na aula**. Revista da Sobama, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20. 2014

FILHO, Paulo Gutierrez. **A Psicomotricidade Relacional em Meio Aquático**. Barueri, SP: Manole, 2003.

FOSCARINI, A. C; PASSERIN, L. M. **Escalando possibilidades de comunicação e interação em crianças com autismo não oralizada**. V congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa, 2012.

FREITAS, M. T. A. (2000). Vygotsky & Bakhtin – **Psicologia e Educação: um intertexto** (4ª edição). São Paulo: Editora Ática.

JORDAN, R. **Educação de crianças e jovens com autismo**. Lisboa: Instituto Inivação Educacional, 2000.

KAUARK, F. S.; MANHÃES, F. C. y SOUSA, C. H. M. (2010). Metodologia da Pesquisa: um guia prático. Itabuna: Via Literatum.

LIMA, C. Bandeira. **As perturbações do espectro do autismo: Diagnostico in:** Bandeira de Lima, C (coord) **Perturbações do espectro do autismo: Manual prático de intervenção.** Lisboa: Lidel 2012.

LÔ, E. N; GOERL, D. B. N. **Representação emocional de crianças autistas frente a um programa de intenção motora aquática.** Revista da graduação. Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. V.3, n.2. 2010.

MARLEBI, F. E. K; NICOLINO, V. F. **Promoção de Interações Sociais entre colegas e crianças autistas em ambiente de inclusão.** ACTA Comportamentalia, v. 19. 2010.

MELO, A. **Autismo.** Guia Prático. São Paulo. AMV, 2007.

PIMENTA, R. A. **Programa de atividade aquática adaptada para pessoas com transtorno de espectro autista: avaliação dos efeitos nas habilidades aquáticas e nas variáveis comportamentais.** Dissertação. Faculdade do Porto. 2012. 99 p.

ROCHA, L. **Defice que estruturam a síndrome do autismo.** 2002.

ROSA, M. V. F. P. C e ARNOLD, M. A. G. C. (2008). A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica.

SAMPIERE, H R. Et.al. (2006). Metodologia de la Investigación. México, Df: McGRaw-Hill.

SEVERINO, A. J. (2007). **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 edição ver. atualizada. São Paulo: Cortez.

MACIEL, R. V. M. Inclusão escolar e a necessidade de serviços de apoio: como fazer? **Revista do Centro de Educação Santa Maria,** Santa Maria, n. 26, 2005

SIEGEL, B. **O mundo da criança com autismo.** Porto: Porto editora. 2008

SULBACH, A. P; GOERL, D. B. **A representação emocional de uma criança com traços autistas em um projeto de psicomotricidade relacional em ambiente aquático.** Revista digital. Buenos Aires, nº 138. 2009.

TAHARA, A. K; SANTIAGO, D. R. P. **As atividades aquáticas associadas ao processo de bem estar e qualidade de vida.** Lecturas: EF y Deportes. Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, nº 103, Dez. 2006.

WEGNER, S. J. **Benefícios das atividades aquáticas nos transtornos do espectro do autismo.** Folha Carioca, edição 115. 2013.

## **ANEXOS**

### **Capítulo II**

Guia de Entrevistas I – Professor do programa de atendimento educacional especializado no meio aquático.

Objetivo do instrumento: obter informações dos professores que trabalham com os alunos autistas para conhecer os possíveis avanços identificados nos mesmos, em suas relações interpessoais e comportamentos autistas, com a prática de atividades aquáticas adaptadas observados no ambiente das aulas.

1. Quais são as principais características que este aluno apresenta?
2. Quais são as principais dificuldades que você encontra para trabalhar com este aluno?
3. Que tipo de estratégias você utiliza para superar tais dificuldades?
4. Dentro do ambiente aquático, quais são as atividades que ele gosta mais?
5. Qual o tipo de materiais pedagógicos ele gosta mais?
6. Você tem observado mudanças nas características autistas desse aluno? Quais?
7. Você acredita que o ambiente ao qual está sendo desenvolvido o trabalho com esse aluno autista, tem ajudado no auxílio ao tratamento?
8. Que tipo de estratégias você utiliza para trabalhar a interação social desse aluno?
9. Descreva os principais avanços no aspecto social que você tem observado nesse aluno durante o desenvolvimento de suas aulas.

Guia de Entrevistas II – Mãe do Aluno Autista

Objetivo do instrumento: obter informações da mãe do aluno autista e conhecer os possíveis avanços identificados nos mesmos, em suas relações interpessoais, com a prática de atividades aquáticas adaptadas, observados no ambiente familiar.

- 1- Qual o comportamento apresentado pelo seu filho que o fez a procurar um médico?

- 2- Quanto tempo seu filho(a) participa do atendimento educacional especializado no meio aquático?
- 3- O que você acha das atividades aquáticas?
- 4- Você acha que seu filho apresentou mudanças está melhorando depois que começou as aulas na piscina? Quais foram essas mudanças?
- 5- Descreva como era o seu filho antes, durante e depois das aulas na piscina.



## **SOBRE O AUTOR (OBRIGATÓRIO)**

### **Auricélia da Silva Domingos**

Graduação em Letras- UVA- Universidade Estadual Vale do Acaraú

Pós-graduada em Língua linguística e literatura- UVA- Universidade Estadual Vale do Acaraú

### **Antonia Fabiana da Silva Reis**

Graduação em Educação Física-Universidade Estadual do Pará.Graduação em Pedagogia- Faculdade Estácio de Sá.

Pós-graduada em Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva- Faculdade Ipiranga.

### **Anaelza Nogueira Marculino Oliveira**

Graduanda em Matemática- UFPB/Universidade Federal da Paraíba  
Graduada em Pedagogia- Fasec/ Faculdade do Sertão Central

### **Adriano de Sousa**

Licenciado em Pedagogia- Faculdade Nova Fafibe

Pós-graduado em ABA – Análise Comportamental Aplicada ao Autismo-  
Faculdade Iguaçu

### **John Lennon Oliveira da Silva**

Licenciado em Geografia-Unopar

Pós-graduação em Supervisão Escolar- Faculdade Iguaçu

### **João Nogueira da Silva**

Graduado em Pedagogia- Faculdade Geremário Dantas

Graduado em História-UEPB/Universidade Estadual da Paraíba

Pós-graduado em Supervisão Escolar- Faculdade Futura

### **Jaciele Batista da Silva**

Licenciada em Pedagogia- Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu

Psicopedagoga Clínica e Institucional- Faculdade Dom Alberto

Especialista em Gestão Escolar

Mestranda em Educação

### **Veralúcia Félix Nogueira**

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Evangélica Cristo Rei.

Pós-graduação em Psicopedagogia clínica e institucional- Faveni

# EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM ENTRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO

Neste livro, mergulhamos em um território muitas vezes negligenciado, explorando o papel transformador do processo da leitura na escola. A leitura é uma das formas mais poderosas de aprendizagem. Quando você lê, fica exposto a novas ideias, informações e perspectivas que podem ampliar seus horizontes e enriquecer seu conhecimento. Além disso, a leitura estimula o cérebro, melhora a concentração, expande o vocabulário e aprimora as habilidades de pensamento crítico.

O livro aborda também uma história real de um aluno autista e sua jornada no mundo esportivo, oferecendo um espaço de inclusão, aceitação e oportunidade para indivíduos autistas. Buscando não apenas inspirar, mas também educar e promover uma maior compreensão sobre o autismo e suas complexidades. Que este livro seja uma fonte de inspiração e um guia confiável em sua busca contínua pelo saber.

Home Editora  
CNPJ: 39.242.488/0002-80  
[www.homeeditora.com](http://www.homeeditora.com)  
[contato@homeeditora.com](mailto:contato@homeeditora.com)  
91988165332  
Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Batista  
Campos, Belém - PA, 66045-315

